

**ARTE NO ENSINO MÉDIO: ARTICULAÇÕES ENTRE PESQUISA,
DOCÊNCIA E CRIAÇÃO NO PIBID**

**ART IN HIGH SCHOOL ARTICULATIONS BETWEEN RESEARCH,
TEACHING AND CREATION AT PIBID**

**EL ARTE EN LA ESCUELA SECUNDARIA: ARTICULACIONES
ENTRE INVESTIGACIÓN, DOCENCIA Y CREACIÓN EN EL PIBID**

Vinícius Stein¹
Marjorie Donizeti Assano²
Daniel Macedo Lanes³
Camila Ferreira de Oliveira⁴

Resumo

Apresenta uma experiência afeta ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) realizada durante a pandemia de Covid-19 pelo núcleo de Arte de um subprojeto interdisciplinar vinculado ao projeto institucional de uma universidade estadual brasileira. Considerando a ubiquidade dos livros didáticos nos espaços escolares e a destacada valorização deste material no contexto pandêmico, o núcleo realizou uma pesquisa cujos objetivos foram: identificar quais artistas e grupos artísticos são expostos em livros didáticos para o Ensino Médio e, com isso, mensurar quais nacionalidades, identidades de gênero, etnias e modalidades de criação artísticas são visibilizadas e invisibilizadas nas publicações. Constatou-se predominância de menções aos artistas homens, de ascendência europeia e brasileira e de etnia branca, em detrimento da representação de sujeitos pertencentes a grupos historicamente marginalizados, como mulheres, negros e indígenas. A partir dos dados, os participantes criaram composições visuais tendo como referência trabalhos de Arte Contemporânea que problematizam a história da Arte oficial e práticas da a/r/tografia. Conclui-se que a pesquisa propiciou uma experiência de formação inicial docente pautada na articulação entre modos de ser artista, professor e pesquisador.

Palavras-chave: Arte; Livro didático; Ensino Médio; Formação de professores.

Abstract

It presents an experience related to the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) carried out during the Covid-19 pandemic by the Art nucleus of an interdisciplinary subproject linked to the institutional project of a Brazilian state university. Considering the ubiquity of textbooks in school spaces and the prominent appreciation of this material in the pandemic context, the group carried out research whose objectives were: to identify which artists and artistic groups are exposed in textbooks for high school and, with this, measure which nationalities, gender identities, ethnicities and types of artistic creation are made visible and invisible in

¹Doutor em Educação. Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6001-0986>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2140194065685423>. E-mail: vstein@uem.br

²Graduada em Artes Visuais. Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2947-757X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9741162909982832>. E-mail: marjorieassano@gmail.com

³Graduando em Artes Visuais. Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1439-7834>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0987236796210730>. E-mail: macedolanesdaniel@gmail.com

⁴Graduanda em Artes Visuais. Universidade Estadual de Maringá. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8886-5886>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1382401194487314>. E-mail: cfoliveira022@gmail.com

publications. There was a predominance of mentions of male artists, of European and Brazilian descent and of white ethnicity, to the detriment of the representation of subjects belonging to historically marginalized groups, such as women, black people and indigenous people. Using the data, the participants created visual compositions using Contemporary Art works as references that problematize the history of official Art and the practices of a/r/tography. It is concluded that the research provided an experience of initial teacher training based on the articulation between ways of being an artist, teacher and researcher.

Keywords: Art; Textbook; High school; Teacher training.

Resumen

Presenta una experiencia relacionada con el Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) realizado durante la pandemia de Covid-19 por el núcleo de Arte de un subproyecto interdisciplinario vinculado al proyecto institucional de una universidad estatal brasileña. Considerando la ubicuidad de los libros de texto en los espacios escolares y la destacada valorización de este material en el contexto de pandemia, el grupo realizó una investigación cuyos objetivos fueron: identificar qué artistas y grupos artísticos están expuestos en los libros de texto para la secundaria y, con ello, medir cuáles nacionalidades, identidades de género, etnias y tipos de creación artística se visibilizan e invisibilizan en las publicaciones. Hubo predominio de menciones a artistas masculinos, de ascendencia europea y brasileña y de etnia blanca, en detrimento de la representación de sujetos pertenecientes a grupos históricamente marginados, como mujeres, negros e indígenas. Utilizando los datos, los participantes crearon composiciones visuales utilizando obras de Arte Contemporáneo como referencias que problematizan la historia del Arte oficial y las prácticas de la a/r/tografía. Se concluye que la investigación aportó una experiencia de formación inicial docente basada en la articulación entre modos de ser artista, docente e investigador.

Palabras clave: Arte; Libro de texto; Escuela secundaria; formación docente.

Introdução

Neste texto relatamos uma experiência de pesquisa vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) em uma universidade estadual brasileira. Tratamos de ações realizadas entre outubro de 2020 e março de 2022 pelo núcleo de Arte do subprojeto interdisciplinar nas áreas de Arte, História e Sociologia, integrado ao projeto institucional.

Por meio de bolsas de iniciação à docência, o Pibid possibilita a inserção de estudantes que estão na primeira metade dos cursos de licenciatura em escolas e colégios de Educação Básica. O programa tem como propósito contribuir para o aprimoramento da formação de docentes em nível superior. Para participar do Pibid instituições federais e estaduais de ensino superior, além de institutos federais de educação, ciência e tecnologia com cursos de licenciatura, submetem propostas de projetos institucionais em atendimento aos editais publicados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) (Brasil, 2023).

Apesar de o Pibid ter contribuído significativamente para a formação de professores desde seu lançamento em 2007 (Gatti, Andre, Gimenes & Ferragut, 2014), ao longo dos anos

o programa tem sido alvo de disputas políticas e tem tido sua execução afetada por ameaças de extinção e cortes orçamentários (Castilhos & Knoblauch, 2019), com expressiva redução no número de bolsas a partir de 2018 (Bruns & Rausch, 2021). Nessa direção, o edital nº 2/2020 apresentado pela Capes (Brasil, 2020) incentivou que as propostas de projetos institucionais priorizassem áreas específicas de iniciação à docência⁵ em núcleos de formação compostos por um coordenador de área, três supervisores, vinte e quatro estudantes bolsistas e seis voluntários. Os núcleos poderiam atender áreas independentes ou combinar até três áreas diferentes em subprojetos interdisciplinares, como o que propusemos.

Frente a isso, consideramos oportuna a crítica de Adriana Santos Tabosa (2021) para quem a cisão entre áreas de conhecimento prioritárias e não prioritárias, somadas a outras limitações relacionadas ao edital nº 2/2020-Capes (Brasil, 2020) tais como redução “[...] do orçamento do programa” e “[...] a precarização das condições do trabalho de orientação entre coordenadores, supervisores e bolsistas de iniciação à docência [...]” (Tabosa, 2021), contribui para que o Pibid, ao contrário do motivo para o qual foi criado, desestime os estudantes a serem professores, na medida em que “[...] converte-se em um instrumento para cumprir metas de ação governamental que coadunam com o desprestígio da carreira docente” (Tabosa, 2021).

Ainda assim, apesar desses limites, reconhecemos a realização do subprojeto interdisciplinar em Arte, História e Sociologia/UEM como uma forma de resistência não apenas à secundarização dessas áreas de conhecimento no edital nº 2/2020-Capes (Brasil, 2020), mas também a outras decisões tomadas nos últimos anos como, por exemplo, a retirada temporária da Arte no Ensino Médio, em 2016, por meio da Medida Provisória nº 746 emitida por Michel Temer (Brasil, 2016); a tendência de enfraquecimento da Arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio (Peres, 2017); o anúncio de exclusão das humanidades do edital de bolsas de iniciação científica, em 2020, feito pelo governo de Jair Bolsonaro (Saldaña, 2020); e o anúncio da redução da carga horária das disciplinas de

⁵ Foram consideradas como áreas prioritárias de iniciação à docência: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química, Biologia e Alfabetização; e como áreas gerais de iniciação à docência: Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Língua Espanhola, Geografia, História, Informática, Sociologia, Filosofia e as licenciaturas Intercultural Indígena, em Educação do Campo e em Pedagogia (Brasil, 2020).

Filosofia, Sociologia e Arte no Ensino Médio, a partir de 2021, no estado do Paraná, sob o governo de Ratinho Jr. (Fragão, 2021).

A realização do subprojeto interdisciplinar foi afetada diretamente pela pandemia de Covid-19, cujos impactos foram agravados devido a gestão realizada pelo governo federal brasileiro, sob o comando de Jair Bolsonaro (BBC, 2021). Devido às medidas sanitárias que indicavam a necessidade de isolamento social, as atividades de iniciação à docência foram realizadas de modo remoto. Dedicamos os primeiros meses do subprojeto para pesquisas e estudos interdisciplinares (Bueno, Stein, Silva & Macri, 2022; Bueno, Stein & Silva, 2022) e, além disso, cada núcleo vinculado ao subprojeto realizou ações orientadas para suas especificidades. Entre os integrantes do núcleo de Arte, tratamos sobre o objeto de estudo dessa área de conhecimento na educação escolar, especialmente no Ensino Médio, atendendo a uma questão comum entre os estudantes vinculados ao Pibid: o que ensinar nas aulas de Arte?

Entendendo o ensino de Arte como um direito, partimos da orientação dada pela lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Brasil, 1996/2023). O artigo 26, que trata sobre o currículo da Educação Básica determina, no parágrafo segundo: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)” (Brasil, 1996/2023). O texto, é explicado pelo parágrafo sexto, que dispõe: “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o §2º deste artigo. (Redação dada pela Lei nº 13.278, de 2016)” (Brasil, 1996/2023). O marco legal trata ainda sobre o conteúdo do ensino de Arte no parágrafo segundo do artigo 26-A, ao determinar: “Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008)” (Brasil, 1996/2023).

Ainda que a legislação evidencie a necessidade de as Artes Visuais, Dança, Música e o Teatro integrem a área de Arte, na condição de componente curricular, a resposta para a questão proposta, merecia detalhamento. Além disso, a consulta à legislação mobilizou outras perguntas pertinentes à formação docente, tais como: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro

são tratadas de modo equivalente? Quem define quais artistas e exemplos de criações artísticas são expostos? As manifestações de arte afro-brasileira e indígena são, de fato, estudadas? O professor tem autonomia para selecionar as temáticas e exemplos de Arte em suas aulas?

Mobilizados por essas questões, iniciamos uma investigação na qual tínhamos como objetivos: identificar quais artistas e grupos artísticos são expostos em livros didáticos para o Ensino Médio e, com isso, mensurar quais nacionalidades, identidades de gênero, raças/etnias e modalidades de criação artísticas são visibilizadas e invisibilizadas nas publicações pesquisadas. Nos pareceu adequado buscar respostas no livro didático, considerando sua ubiquidade nos espaços escolares e a destacada valorização deste material, sobretudo no contexto pandêmico brasileiro em que parte significativa dos estudantes permaneceu sem acesso à internet (Nascimento, Ramos, Melo & Castioni, 2020). Para tanto elegemos como objeto de análise dois livros didáticos para o Ensino Médio, baseados em critérios que detalhamos adiante.

Embora os objetivos da pesquisa indicassem um levantamento de caráter quantitativo, nos interessava que a pesquisa permitisse aos estudantes visualizar os aspectos relativos à Arte e à Educação de modo articulado aos modos de criar próprios ao campo artístico. Assim, a metodologia para investigação foi amparada também em princípios da Pesquisa Educacional Baseada nas Artes (PEBA)⁶. Conforme explica Belidson Dias (2013, p. 23), essa abordagem metodológica, assim como a Pesquisa Baseada em Arte (PBA), é resultado de um esforço de pesquisadores por “[...] compreender, valorar e conceber a produção em arte como uma modalidade de pesquisa acadêmica”. Ambas promovem o deslocamento das maneiras estabelecidas “[...] de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo” (Dias, 2013, p. 23).

Segundo Rita Irwin (2013), tanto a PEBA quanto a PBA são formas de investigação capazes de aumentar a “[...] compreensão das atividades humanas através dos meios

⁶ Dias (2013) utiliza a tradução literal da expressão em língua inglesa *Arts-based educational research* (ABER). Segundo o autor, no Brasil também é utilizada a terminologia Investigação Educacional Baseada nas Artes (IEBA).

artísticos” (Irwin, 2013, p. 28), sendo que a segunda, particularmente, não possui “[...] a intenção de influenciar em assuntos educacionais” (Irwin, 2013, p. 28). Ambas estão relacionadas com a prática da A/r/tografia⁷, também assumida por nós no desenvolvimento do projeto. Para isso, tomamos como referência alguns critérios/encaminhamentos propostos por Luciana Borre (2020, p. 123) para investigações de cunho a/r/tográfico:

(a) combinar a produção poética (imagens/artefatos/processos) com a escrita, preocupando-se com o potencial comunicativo de seus possíveis resultados com realidades educacionais; (b) utilizar metáforas, metonímia e símbolos, como elo de comunicação desses conhecimentos; (c) dialogar entre as identidades do artista, do professor e do investigador, em suas dimensões pessoais e sociais, pois as experiências individuais podem ressoar em muitas outras pessoas ou grupos; (d) utilizar de práticas/técnicas/ações artísticas para criar, interpretar e retratar conhecimentos significativos, criando e explorando novas formas de estruturar e conceber ideias, abarcando aquilo que se torna difícil colocar em palavras; (e) conectar experiências e narrativas autobiográficas; (f) privilegiar nossas emoções, sentidos, intuições e vibrações corporais, como elementos primários de processos de criação.

Diante disso, a seguir: detalhamos a metodologia utilizada para análise dos livros didáticos, descrevendo os procedimentos de coleta e organização dos dados; apresentamos os resultados quantitativos obtidos; expomos as composições visuais criadas pelos estudantes a partir do levantamento realizado, vinculando-as às referências que ampararam sua realização. Por fim, tecemos avaliações sobre o desenvolvimento da pesquisa no contexto do Pibid⁸.

Dos números à Arte Contemporânea

A metodologia de pesquisa nos livros didáticos foi inspirada em produções de Arte Contemporânea que problematizam os discursos oficiais de legitimação da História da Arte, seja em publicações da área, seja em exposições realizadas por instituições como os museus. Em comum, os trabalhos artísticos partem de uma pesquisa quantitativa e apresentam os dados levantados por meio composições visuais.

Como exemplo mencionamos o projeto História da _rte, coordenado por Bruno Moreschi (Carvalho, Moreschi & Pereira, 2019; Moreschi, 2023), cujo propósito foi mensurar

⁷ Conforme Dias (2013, p.25) “A/R/T é um acrônimo para: Artist (artista), Researcher (Pesquisador), Teacher (Professor) e graph (grafia): escrita/representação. Na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem”.

⁸ Na composição deste artigo levamos em consideração os textos com resultados parciais da pesquisa socializados por meio de publicações e em eventos científicos durante a realização do subprojeto.

o cenário excludente da história da Arte oficial estudada no Brasil. A equipe do projeto sistematizou planilhas com os nomes; anos de nascimento e morte; locais de nascimento, trabalho e morte; identidade de gênero; etnia; e técnicas utilizadas pelos 2.443 artistas identificados nos 11 livros de história da Arte mais utilizados em cursos de graduação em Artes Visuais no Brasil. Mediante análise quantitativa e qualitativa desses dados, os pesquisadores verificaram que a narrativa acerca da história da Arte apresentada pelos livros é estruturada para excluir mulheres, artistas negros e negras e não-europeus e valoriza a pintura como meio de criação. Conforme registram: “de um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) são não europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses. Em relação às técnicas utilizadas, 1.566 são pintores (Moreschi, 2023). Os dados da pesquisa foram publicizados artisticamente em formato de um panfleto que foi distribuído gratuitamente na entrada de museus do Brasil e do exterior.

Outra referência que nos influenciou foi o coletivo Guerrilla Girls, um grupo formado por artistas ativistas feministas anônimas que iniciou suas ações em 1985, em Nova Iorque, como forma de protesto em resposta à exposição *Survey of Recent Painting and Sculpture* [Levantamento de pinturas e esculturas recentes] realizada em 1984 pelo *The Museum of Modern Art* (MoMA). Na ocasião, dos 165 artistas incluídos, apenas 13 eram mulheres. (MASP, 2017). A partir daí as Guerrilla Girls iniciaram projetos em diferentes suportes (cartazes de rua, banners, ações, livros e vídeos) para expor preconceitos de gênero e étnicos na arte, no cinema, na política e na cultura pop. Em suas criações, frequentemente apresentam dados percentuais que visibilizam essas desigualdades (Guerrilla, 2023).

O apagamento de mulheres artistas nas narrativas hegemônicas da história da Arte também foi questionado pelas artistas suecas EvaMarie Lindahl e Ditte Ejlerskov Viken por meio do projeto *About: The Blanck Pages* [Sobre: as páginas brancas]. As autoras problematizaram a coleção *Basic Art* [Arte Básica], publicada pela editora Taschen, na qual cada livro apresenta um estudo monográfico sobre a obra de artistas. Em 2014 elas realizaram um levantamento dos títulos da coleção e constataram que dos 97 artistas publicados, apenas 5 eram mulheres. Mediante uma extensa pesquisa, a dupla realizou um levantamento de 100 artistas mulheres que atendiam aos requisitos da editora para compor a série, como a

participação em exposições de museus e a representação em importantes coleções (MASP, 2019). A lista foi enviada em abril de 2014 à editora, por meio da qual as artistas reivindicavam: “Estamos agora aguardando sua expertise para preencher essas páginas em branco com o devido conteúdo” (MASP, 2019, p.245).

Os procedimentos utilizados nos projetos artísticos mencionados acima nos motivaram a analisar livros didáticos entregues aos estudantes do Ensino Médio. Selecionamos o livro *Percursos da Arte*, da Editora Scipione, escrito por Beá Meira, Silvia Soter e Rafael Presto (2016), pois consistia no material didático disponível aos estudantes do Ensino Médio no colégio vinculado ao Pibid. O livro, de 376 páginas, foi distribuído pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) no ano de 2018. Naquele momento sabíamos que seu uso seria descontinuado e substituído pela escolha feita pelas escolas considerando o PNLD 2021 para o Novo Ensino Médio (NEM). Diante disso, selecionamos um exemplar que integrava a lista de títulos aprovada para o PNLD 2021. Como a escola vinculada ao subprojeto ainda não havia selecionado a obra para o próximo ciclo, elegemos o livro *#Novo Ensino Médio*, de 208 páginas, escrito por Mariana Lima Muniz, Murilo Andrade Rocha e Gabriela Córdova Chirstófaro (2020), pois também foi publicado pela editora Scipione. Naquele momento havia expectativa em relação à organização dos livros para o NEM e a comparação entre obras de uma mesma editora feitas a partir de perspectivas distintas para esta etapa da Educação Básica nos pareceu interessante.

Desenho metodológico e resultados quantitativos

A primeira etapa para pesquisa nos livros selecionados consistiu na identificação dos nomes de todas as pessoas e grupos mencionados mediante a leitura das publicações na íntegra. As seções dos livros foram distribuídas entre os participantes do núcleo de Arte, do subprojeto interdisciplinar, que registraram em uma planilha: os nomes de pessoas e grupos identificados no corpo do texto e nas legendas das imagens e a página em que são mencionados.

Após esse primeiro registro, revisamos as planilhas referentes a cada capítulo de ambos os livros e nos certificamos de que todas as informações haviam sido registradas. Em

seguida, retiramos as duplicidades e separamos os nomes de pessoas e os nomes de grupos em planilhas distintas, para dar tratamento diferente aos dados.

Para complementar a planilha sobre pessoas, utilizamos como referência a sistematização feita pela equipe do projeto História da _rte (Carvalho, Moreschi & Pereira, 2019). Buscamos informações biográficas sobre cada uma delas e organizamos nas seguintes categorias: nome, identidade de gênero, etnia, ano de nascimento e morte, continente e país de nascimento e morte, modalidade de criação e fonte da pesquisa.

Na primeira coluna, transcrevemos os nomes como são registrados nos livros, identificados no levantamento inicial. Para o preenchimento referente a identidade de gênero e etnia dos artistas, encontramos as mesmas dificuldades relatadas pelos realizadores do projeto História da _rte. Assim como Carvalho, Moreschi e Pereira (2019, p.29), também nos perguntamos: “Como defini-los? Como encontrar termos precisos para definir a complexidade dos grupos excluídos? Como preencher essas duas categorias nas tabelas de dados?”. Para solucionar essas questões, os autores criaram um conselho externo de especialistas formado pelas professoras Caroline Cotta de Mello Freitas, Cláudia Mattos Avolese e Vera Lúcia Benedito. Conforme relatam, “[...] inicialmente, Freitas sugeriu o critério de autoidentificação para as artistas e os artistas” (Carvalho, Moreschi & Pereira, 2019, p.29), ocorre que, os livros pesquisados não ofereciam essa informação, pois sua escrita foi realizada pelos autores e autoras e não pelas e pelos artistas. Diante disso, consideraram a sugestão de Benedito para que encarassem “[...] o processo de tabulação como algo não totalmente isento de ideologias” (Carvalho, Moreschi & Pereira, 2019, p.29). Assim, a equipe optou por preencher as células referentes à identidade de gênero e etnia das tabelas dos livros somente quando identificassem que se tratava de mulheres e de artistas negras e negros, respectivamente. Repetimos essa estratégia, destacando as mulheres na coluna referente a identidade de gênero, assinalando-as com a letra M. Categorizamos em homens e mulheres, pois não localizamos nas publicações pessoas com outras identidades de gênero. Na coluna referente a etnia, além de assinalar as pessoas negras, com N, acrescentamos as pessoas indígenas, com I.

Conforme mencionamos, também foram coletadas informações referentes ao ano de nascimento e morte, e continente e país de nascimento e morte dos artistas. Com isso, pretendíamos localizá-los geograficamente e verificar se artistas da Europa e América do

Norte seriam mais visibilizados, como os projetos História da _rte e Sobre: as páginas brancas demonstram. Em alguns casos, contudo, não localizamos essas informações. Quando isso ocorreu, preenchemos as células da planilha com uma hipótese sobre a informação, acompanhada de um ponto de interrogação.

A modalidade de criação das pessoas identificados nos dois livros foi organizada em seis categorias, a partir dos seguintes critérios: Artes Visuais (AV) - inclui pessoas com produção nas áreas de arte digital, *body art*, curadoria, desenho, *design* (moda, gráfico, têxtil e objetos), escultura, fotografia, gravura, instalação, intervenção, performance, pintura e quadrinhos; Teatro (T) - inclui pessoas envolvidas com criação teatral, isto é, dramaturgos, atores, diretores e cenógrafos; Música (M) - inclui pessoas envolvidas com a criação musical, tal como, compositores, letristas, arranjadores, instrumentistas e cantores; Dança (D) - inclui pessoas envolvidas com a criação em dança, ou seja, coreógrafos, dançarinos, bailarinos, cenógrafos e diretores. Audiovisual (AD) - inclui pessoas que se dedicam a criação de vídeos para cinema e televisão (diretores, roteiristas, produtores e atores) e jogos eletrônicos (*designers* de games, animadores, etc.); Outra (O) - inclui pessoas que não se dedicam destacadamente a nenhuma das modalidades de criação anteriores, como, por exemplo, antropólogos, arquitetos, biólogos, cartógrafos, colecionadores, educadores, empresários, escritores, filósofos, historiadores, jornalistas, militares, nobres, pensadores, pesquisadores, poetas, políticos, religiosos, sociólogos, etc.).

Optamos por classificar cada pessoa em apenas uma categoria e, embora os critérios para inclusão em cada uma delas fossem nítidos, tivemos dificuldade de preencher as colunas nos casos de artistas que possuem trabalhos em diferentes áreas. Quando isso ocorreu, vinculamos a pessoa à principal modalidade de criação artística que o livro atribui a ela.

As fontes de pesquisa foram registradas na última coluna. Para localizar as informações biográficas priorizamos duas plataformas de buscas: Oxford Art Online⁹ e Enciclopédia Itaú Cultural¹⁰. Os nomes e informações não encontradas nessas três bases foram buscados em outra fonte digital por meio do *site* Google. Quando não identificamos nenhum resultado na *internet*, mencionamos a página do livro em que o nome foi coletado.

⁹ Oxford Art Online. Disponível em: <https://www.oxfordartonline.com>.

¹⁰ Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br>.

Mediante esses procedimentos metodológicos, levantamos os seguintes dados:

Tabela 1 - Dados sobre os indivíduos identificados nas publicações

	Percurso da Arte		#Novo Ensino Médio	
Total de nomes citados	646	100%	105	100%
Artistas	522	80.80%	49	46.66%
Outros	124	19.19%	56	53.33%

Fonte: Os autores.

Tabela 2 - Dados sobre gênero e etnia dos/as artistas

	Percurso da Arte		#Novo ensino Médio	
Homens (total)	437	83.71% ¹¹	40	81.63%
Homens (negros)	69	13.21%	6	12.24%
Artistas homens (indígenas)	4	0.76%	0	0
Mulheres (total)	85	16.28%	9	18.36%
Mulheres (negras)	11	2.10%	2	4.08%
Mulheres (indígenas)	0	0	0	0

Fonte: Os autores.

Tabela 3 - Dados sobre o continente de nascimento dos/as artistas

	Percurso da Arte		#Novo Ensino Médio	
África	8	1.53%	0	0
América Central	1	0.19%	0	0
América do Norte	71	13.60%	9	18.36%
América do Sul	295	56.51%	27	55.10%
Ásia	11	2.10%	1	2.04%
Europa	134	25.67%	12	24.48%
Oceania	2	0.38%	0	0

Fonte: Os autores.

Tabela 4 - Dados sobre a modalidade de criação dos/as artistas

	Percurso da Arte		#Novo Ensino Médio	
Artes Visuais	201	38.50%	23	46.93%
Audiovisual	102	19.54%	9	18.36%
Dança	32	6.13%	0	0
Música	122	23.37%	15	30.61%
Teatro	63	12.06%	2	4.08%

Fonte: Os autores.

As planilhas referentes aos grupos foram organizadas nas seguintes categorias: Nome do grupo (conforme registrado no livro); continente e país em que foi criado; unidade federativa em que foi criado (no caso de grupos brasileiros); modalidade de criação; e fonte da

¹¹ Devido ao arredondamento, a soma dos percentuais é diferente de 100% em algumas tabelas.

pesquisa. Sobre elas, fazemos dois destaques. O primeiro diz respeito à modalidade de criação. Repetimos as mesmas categorias apresentadas anteriormente - Artes Visuais (AV), Teatro (T), Música (M), Dança (D), Audiovisual (AD), Outra (O) -, contudo, no caso dos grupos, a categoria “Outra” ganhou um novo significado. Aqui, inserimos aquelas manifestações artísticas coletivas cuja classificação apresentada pelo livro se referia a mais de uma modalidade de criação ou que não correspondia a nenhuma das modalidades listadas anteriormente. O segundo destaque diz respeito à localização. Nos casos em que o livro faz menção a um grupo que possui distribuição geográfica em mais de um território, assinalamos ao lado do país o símbolo de adição. A partir desses procedimentos metodológicos, levantamos os seguintes dados:

Tabela 5 - Dados sobre os grupos identificados nas publicações

Grupos	Percursos da Arte		#Novo Ensino Médio	
Total	153	100%	14	100%

Fonte: Os autores.

Tabela 6 - Dados sobre as modalidades de criação dos grupos

Modalidades	Percursos da Arte		#Novo Ensino Médio	
Artes Visuais	16	10.45%	0	0
Audiovisual	2	1.30%	1	7.14%
Dança	23	15.03%	1	7.14%
Música	31	20.26%	9	64.28%
Teatro	50	32.67%	1	7.14%
Outro	31	20.26%	2	14.28%

Fonte: Os autores.

Tabela 7 - Dados sobre o continente de origem dos grupos

Continentes	Percursos da Arte		#Novo Ensino Médio	
África	10	6.53%	0	0
América Central	0	0	0	0
América do Norte	6	3.92%	0	0
América do Sul	121	79.08%	12	85.71%
Ásia	0	0	0	0
Europa	15	9.80%	2	14.28%
Oceania	1	0.65%	0	0

Fonte: Os autores.

Tabela 8 - Dados sobre as unidades federativas de origem dos grupos brasileiros

Unidade Federativa	Percursos da Arte		#Novo Ensino Médio	
Total	118	100%	11	100%
Acre (AC)	3	2.54%	0	0
Alagoas (AL)	0	0	0	0
Amapá (AP)	1	0.84%	0	0

Amazonas (AM)	1	0.84%	0	0
Bahia (BA)	4	3.38%	0	0
Ceará (CE)	2	1.69%	1	9.09%
Distrito Federal (DF)	2	1.69%	0	0
Espírito Santo (ES)	0	0	0	0
Goiás (GO)	2	1.69%	0	0
Maranhão (MA)	3	2.54%	0	0
Mato Grosso (MT)	9	7.62%	0	0
Mato Grosso do Sul (MS)	0	0	0	0
Minas Gerais (MG)	3	2.54%	4	36.36%
Pará (PA)	6	5.08%	0	0
Paraíba (PB)	1	0.84%	0	0
Paraná (PR)	2	1.69%	0	0
Pernambuco (PE)	8	6.77%	0	0
Piauí (PI)	1	0.84%	0	0
Rio de Janeiro (RJ)	23	19.49%	0	0
Rio Grande do Norte (RN)	3	2.54%	0	0
Rio Grande do Sul (RS)	7	5.93%	0	0
Rondônia (RO)	1	0.84%	0	0
Roraima (RR)	0	0	0	0
Santa Catarina (SC)	1	0.84%	1	9.09%
São Paulo (SP)	33	27.96%	5	45.45%
Sergipe (SE)	2	1.69%	0	0
Tocantins (TO)	0	0	0	0

Fonte: Os autores.

A/r/tografando com os números

Identificamos uma predominância significativa de artistas homens (acima de 80% em ambos os livros), evidenciando uma invisibilização das artistas mulheres. Ao cruzarmos os dados com a categoria etnia, notamos como essas diferenças são acentuadas, com uma baixa representação de artistas negras e negros e indígenas revelando uma invisibilização de identidades não-brancas. Há um foco em artistas brasileiros e europeus, invisibilizando outras nacionalidades e regiões. As modalidades artísticas dos artistas e grupos citados diferem bastante entre os livros, contudo, em nenhum deles há uma distribuição equilibrada entre elas.

A partir dessa constatação, os estudantes foram mobilizados a criar composições visuais. As perguntas que orientaram essa ação foram: Como transformar os dados da pesquisa em Arte? Como aproximar a Arte da pesquisa e da docência? Como experimentar as habilidades como artistas/professores/pesquisadores em um mesmo projeto/ação?

A seguir, trataremos sobre as diferentes composições visuais¹² realizadas pelos estudantes a partir do contexto exposto anteriormente. São elas: figura 1 - Tira: “A terra dos livros didáticos de Arte”; figura 2 - Cartaz: “#O Novo Ensino Médio não é novo”; figura 3 - Panfleto: Onde estão as/os artistas indígenas”; e figura 4 - Zine: “Muitas décadas e poucos avanços”. Caracterizamos brevemente as motivações dos estudantes e apresentamos as referências que orientaram seu processo de criação.

Tira: “A terra dos livros didáticos de Arte”

Figura 1 - Tira: “A terra dos livros didáticos de Arte”, criada por Carol Eduarda Schavaren de Lima.



Fonte: Autores.

As tiras (ou tirinhas) constituem um gênero do discurso que integra o hipergênero das histórias em quadrinhos. Muito comuns no Brasil, especialmente nas páginas dos jornais, caracterizam-se por possuírem poucos quadros para contar uma história, cujo desfecho é inesperado, tal qual uma piada (Ramos, 2016). A Terra dos livros didáticos de arte (figura 1), que dá nome à tira, é apresentada nos primeiros quadros da composição. O cenário é composto por uma paisagem montanhosa, colorida em tons de roxo e verde, habitada por

¹² As composições estão disponíveis na íntegra e em alta resolução em: <<https://linktr.ee/artes.pibid.uem>>.

figuras arredondadas e alaranjadas. Os nove primeiros quadros da tira, referem-se aos dados que identificamos no livro *Percursos da Arte*. A paisagem faz analogia ao livro e o tamanho das personagens à distribuição dos artistas em grupos identitários (522 artistas, sendo 437 homens e 85 mulheres. Entre os homens, apenas 69 são negros e 4 indígenas, e entre as mulheres, 11 negras e nenhuma indígena). Na sequência dos quadrinhos o “homem branco” é coberto por outra sombra e por uma mão enorme, que segura um martelo lilás com a inscrição Novo Ensino Médio. A ferramenta achata todas as personagens, que são representadas amassadas no último quadro da narrativa. Os balões inseridos entre os quadros, ajudam a contar a história e conduzir à conclusão de que “a terra dos livros didáticos de arte” é “terra de poucos” (especialmente de homens brancos) e, com o novo ensino médio, será “...quase terra de ninguém”. Os últimos quadros da tira, fazem alusão aos dados que identificamos no livro “#Novo Ensino Médio” (49 artistas) e o baixo número de artistas mencionados, quando comparados ao “Percursos da Arte” (522 artistas).

Cartaz: “#O Novo Ensino Médio não é novo”

Figura 2 - Cartaz “#O Novo Ensino Médio não é novo”, criado por Daniel Macedo Lanes.



Fonte: Autores.

Essa composição problematiza o fato de o livro #Novo Ensino Médio não tratar sobre artistas indígenas. O cartaz (figura 2), feito em arte digital, teve como referência estética a capa do livro #Novo Ensino Médio. Foram utilizadas as cores laranja, roxo, preto e amarelo e a ilustração de uma figura humana. O título, presente na capa original como #Novo Ensino Médio, aparece na composição como “#O Novo Ensino Médio Não é Novo”, buscando provocar o espectador a descobrir o motivo dessa afirmativa. Na parte inferior, destacamos a frase “0% indígenas”, a qual sinaliza a mensagem principal do cartaz. Além disso, há também um elemento no canto inferior esquerdo que representa uma figura humana com um megafone, enfatizando o caráter de denúncia. Na parte inferior, a frase interrogativa faz referência ao enunciado: “Onde estão os negros?”, apresentado em grandes bandeiras pelo grupo transdisciplinar Frente 3 de fevereiro, cuja ação problematiza o racismo na sociedade brasileira (Frente..., 2023). Nesse caso, utilizamos o mesmo enunciado para problematizar e chamar à reflexão sobre a questão indígena.

Panfleto: Onde estão as/os artistas indígenas?

Figura 3 - Partes do Panfleto “Onde estão as/os artistas indígenas?”, criado por Marjorie Donizeti Assano.



Fonte: Autores.



Atenta a baixa representação de artistas indígenas nas publicações pesquisadas, a estudante realizou a criação de um panfleto, tendo como referência o projeto História da _rte, citado anteriormente. Para composição, foram utilizados os *softwares* Qgis, para a criação de quatro mapas; e CorelDRAW, para o leiaute. Dois mapas foram criados utilizando o recurso de anamorfose (ou cartograma) (figura 3). Tal escolha se deu pela representação distorcida e simbólica, com o objetivo chamar a atenção de quem observa o panfleto. Outros dois mapas contêm símbolos para representar os artistas segundo sua nacionalidade, etnia e gênero. Os triângulos representam os homens, as cores simbolizam as etnias branca, negra e indígena. O círculo representa as mulheres brancas e os octógonos as mulheres negras. Eles têm diferença de escala, ou seja, se o símbolo aparece grande em determinado país e pequeno em outro significa que o número de artistas mencionadas/os é maior no primeiro. A pergunta feita na primeira página, é parcialmente respondida, com uma relação de artistas indígenas listadas na última página (figura 3).

Zine: “Muitas décadas e poucos avanços”

Figura 4 - Partes do Zine “Muitas décadas e poucos avanços”, criado por Camila F. de Oliveira.



Fonte: Autores.

Zines são uma forma de publicação independente realizada por artistas. A composição (figura 4), realizada com colagens, foi baseada nas criações do coletivo Guerrilla Girls (MASP, 2017) e à estética empregada no filme Moxie (2020), no qual a personagem principal utiliza de zines para expor situações que lhe incomodam em sua escola, como sexismo e assédios. O processo de criação do zine, realizado pela estudante foi iniciado com recortes de revistas antigas retiradas de seu acervo. Os quantitativos apresentados no zine, em forma de gráficos circulares e de colunas, remetem às planilhas sistematizadas a partir da análise dos livros didáticos mencionados. Foram utilizados tons de azul para identificar informações relacionadas ao livro #Novo Ensino Médio, tons de amarelo para o livro Percursos da Arte e marcações em rosa para destacar as informações relacionadas às minorias. São apresentados gráficos comparativos entre as publicações que tratam sobre: a quantidade de artistas citados em relação a outros profissionais; o percentual de menções feitas às criações em Artes Visuais, Audiovisual, Dança, Música e Teatro; a distribuição de artistas homens, mulheres, negros/as e indígenas; e o continente de nascimento dos artistas.

Conclusão

Avaliamos que a pesquisa conduzida no contexto Pibid, com foco na análise dos artistas e grupos mencionados nos livros didáticos de Arte destinados ao Ensino Médio, proporcionou uma experiência formação inicial adequada aos estudantes de licenciatura em Artes Visuais frente a impossibilidade de estar presencialmente nas escolas devido ao contexto mobilizado pela Pandemia de Covid-19.

Através de um exame rigoroso dos materiais educacionais selecionados, constatamos a predominância de representações de artistas homens, de ascendência europeia e brasileira, e de etnia branca, em detrimento da representação de figuras pertencentes a grupos historicamente marginalizados, como mulheres, negros e indígenas.

A abordagem utilizada na análise dos livros didáticos mobilizou os futuros educadores a refletirem sobre as limitações dos recursos pedagógicos e a criarem recursos complementares que podem desestabilizar essas concepções. Amparados nessa compreensão, entendemos que os graduandos poderão realizar escolhas pedagógicas conscientes e inclusivas e considerar que as instituições escolares podem ser um campo aberto a

experimentações e processos de criação que articulem modos de ser artista, ser professor e ser pesquisador.

Referências

- BBC (2021). *Brasil é último em ranking que analisa reação de países à covid-19*.
- Borre, L. (2020). Desalinhos: sobre abordagens a/r/tográficas. In: BORRE, Luciana. *Bordando afetos na formação docente*. (pp. 122-134). Conceição da Feira: Andarilha Edições.
- Brasil (1996/2023). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF.
- Brasil (2016). *Medida provisória nº 746*. Brasília, DF.
- Brasil (2020). Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Edital Pibid nº 2/2020*. Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Brasil (2023). *Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Brasília: MEC.
- Bruns, J. P., & Furb, R. B. (2021). Formação de professores no Pibid: Mapeamento das teses publicadas no Brasil no período de 2010 a 2019. *Teoria e Prática da Educação*, v. 24, n. 1, p. 133-154, 15 jun.
- Bueno, Z. P., Stein, V., & Gonçalves, J. H. R (2022). Leitura de imagens no ensino de Arte, História e Sociologia. In: Santos, A. R. de J., Araújo, A. L., & Tiroli, L. G. (Org.). *Ensino, Currículo e Formação Docente: vínculos, conexões e questões da atualidade*. (pp. 973-992). Londrina: Editora Madrepérola.
- Bueno, Zuleika P., Stein, Vinícius, Gonçalves, José H. R., & Macri, Danilo C (2022). Aproximações entre arte-educação e o ensino de sociologia: exercícios de *Image Watching*. *Anais - VII Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica*. Campina Grande: Realize Editora.
- Carvalho, Ananda, Moreschi, Bruno, & Pereira, Gabriel. A História da arte: desconstruções da narrativa oficial da Arte. *Revista do centro de pesquisa e formação*. nº 8, Julho 2019.
- Castilhos, Grasiela P. da S. de, & Knoblauch, Adriane. Análise da produção acadêmica sobre Pibid após uma década de programa (2007 a 2017): Pedagogia em questão. *Imagens da Educação*, v. 9, n. 3, p. 55-65, 19 dez. 2019.
- Dias, Belidson (2013). A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In.: Dias, Belidson, & Irwin, Rita L (org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. (pp.21-26). Santa Maria: Ed. da UFSM.
- Fragão, Luiza (2020). Ratinho Jr. reduz número de aulas de sociologia, filosofia e artes em escolas públicas. *Revista Fórum*.

- Frente 3 de fevereiro (2023). *in: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2023.
- Gatti, Bernardete A., André, Marli E. D. A., Gimenes, Nelson A. S., & Ferragut, Laurizete (2014). *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)*. São Paulo: FCC/SEP.
- Guerrilla Girls (2023). *About*. Site.
- Irwin, Rita L (2023). *A/r/tografia*. In.: Dias, Belidson, & Irwin, Rita L. (org.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia* (pp. 27-35). Santa Maria: Ed. da UFSM.
- Masp (2017). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. *Guerrilla Girls Gráfica 1985 - 2017*. Curadoria: Adriano Pedrosa e Camila Bechelany. São Paulo: MASP.
- Masp (2019). Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. *Histórias das mulheres, Histórias Feministas*. Organização editorial: Mariana Leme, Adriano Pedrosa e Isabella Rjeille; curadoria Histórias das mulheres de Julia Bryan-Wilson, Mariana Leme e Lilia Moritz Schwarcz; curadoria de Histórias feministas de Isabella Rjeille. São Paulo: MASP, 320p., il.
- Meira, Beá, Soter, Silvia, & Presto, Rafael (2016). *Percursos da arte: volume único: ensino médio*. São Paulo: Scipione.
- Moreschi, Bruno (2023). *A História da _rte*. Site.
- Moxie: Quando garotas vão à luta* (2021). Título original: *Moxie*. Direção: Amy Poehler. Roteiristas: Jennifer Mathieu, Tamara Chestna, Dylan Meyer. 1h51min. Filme.
- Muniz, Mariana Lima, Rocha, Murilo Andrade, & Chirstófaro, Gabriela Córdova (2020). *#Novo Ensino Médio*. Projetos integradores: Linguagens e suas tecnologias. São Paulo: Scipione.
- Nascimento, Paulo A. M. M, Ramos, Daniela L., Melo, Adriana A. S. de, & Castioni, Remi (2020). Acesso domiciliar à internet e Ensino Remoto durante a pandemia. (pp. 7-16). *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Nota técnica nº 88*.
- Peres, José Roberto Pereira (2017). Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular (pp. 24 - 36). *Colégio Pedro II, Revista do Departamento de Desenho e Artes Visuais*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1.
- Ramos, Paulo. (2016). Tira ou tirinha? Um gênero com nome relativamente instável. (pp. 1281–1291) *Estudos Linguísticos*, 42(3).
- Saldaña, Paulo (2020). Governo Bolsonaro exclui humanas de edital de bolsas de iniciação científica. *Folha de São Paulo*. São Paulo: Folha de S. Paulo.
- Tabosa, Adriana Santos (2021). A gradativa descaracterização e desvalorização do PIBID. *Coluna ANPOF*. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof).

Recebido: 11/10/2023

Aceito: 21/11/2023

Publicado: 20/04/2025

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.